



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

**CATHARIE BRANDÃO DE SOUZA**

**A MELANCOLIA ATRAVÉS DA POESIA  
O ESPELHO DA ALMA DE  
ANTÔNIO JOAQUIM PEREIRA DA SILVA**

CAMPINA GRANDE – PB

2017

**CATHARIE BRANDÃO DE SOUZA**

**A MELANCOLIA ATRAVÉS DA POESIA  
O ESPELHO DA ALMA DE ANTÔNIO JOAQUIM PEREIRA DA SILVA**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Ms. José Mário da Silva

CAMPINA GRANDE – PB

2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S729m Souza, Catharie Brandão de.  
A melancolia através da poesia O espelho da alma de Antônio Joaquim Pereira da Silva / Catharie Brandão de Souza. – Campina Grande, 2017.  
60 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação: Prof. Me. José Mário da Silva Branco".

Referências.

1. Pereira da Silva - Poemas. 2. Poema. 3. Literatura. 4. Psicanálise. 5. Melancolia. I. Branco, José Mário da Silva. II. Título.

CDU 82'143(043)

CATHARIE BRANDÃO DE SOUZA

A MELANCOLIA ATRAVÉS DA POESIA  
O ESPELHO DA ALMA DE ANTÔNIO JOAQUIM PEREIRA DA SILVA

Monografia de conclusão de curso apresentada ao  
Curso de Letras – Língua Portuguesa da  
Universidade Federal de Campina Grande, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciatura em Letras.

Aprovada em 06 de Outubro de 2017

Banca Examinadora:

José Mário da Silva Branco

Orientador (a) - UFCG

Prof. Ms. José Mário da Silva Branco

Rosângela de Melo Rodrigues

Prof. Dra. (a) Examinador (a) 1

Rosangela Melo Rodrigues

CAMPINA GRANDE – PB

2017

*Dedico este trabalho a Deus, por ser a rocha que fortalece minha vida, sustenta a minha alma e trilha o meu caminho, me socorrendo nas horas de atribulações e eleva meu ser à integridade humana.*

*A minha mãe Marinalva Brandão de Souza, meu pai Davi Brandão de Souza, minha irmã Keldyma Brandão de Souza Cordeiro e minha amada filha Hemyllle Kerollen Brandão dos Santos por serem essenciais em minha vida, como sustentabilidade estrutural, psicológica e emocional, contribuindo substancialmente para o meu desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal.*

## AGRADECIMENTOS

Quero manifestar meu fraterno agradecimento a todos aqueles que da forma exequível coadjuvaram para a realização deste sonho tão almejado através de expectativas e lutas ao longo desses anos de graduação. Uma utopia que hoje metamorfoseia em uma efetiva existência devido ao afincamento pessoal, assim como à atuação e participação de cada um de vocês.

A Deus, Escritor da minha história, agradeço pela saúde, bravura, vigor e persistência, e por ter resplandecido o conhecimento divino ao meu intelecto em construção, sei que a trilha é laboriosa, porém extremamente recompensadora. Tendo a fé e a esperança cheguei até aqui, sem elas não concluiria. Após instantes de desilusão e ansiedade e apreensão, alcancei através de tuas mãos o suporte necessário para vencer. A ti meu Deus, toda glorificação é insuficiente para agradecer a improvável vitória que realizaste em minha vida.

A minha mãe Marinalva Brandão de Souza quero agradecer a compreensão de minha ausência física, a dedicação e proteção aos cuidados de minha filha, aos conselhos que me estruturaram, ao conforto nas lágrimas de aflição, e o amor incondicional que sempre expressou através de suas palavras e seus atos concretizados.

A meu pai Davi Brandão de Souza que mesmo tão corrido pelo árduo trabalho para amparar sua família, foi meu protetor nos caminhos da escola, meu apoio no desespero, meu amigo no acalanto de ilusão e meu ombro no aperto de um desejo, eu agradeço com todo meu amor tudo o que fez e faz por mim.

A minha irmã Keldyma Brandão de Souza Cordeiro quero agradecer o companheirismo que me fortaleceu nos caminhos amparados por tropeços, ao carinho dedicado, ao incentivo incisivo, e abraço apertado que enalteceu meu olhar para o caminho.

A minha filha Hemylle Kerollen Brandão dos Santos, que mesmo sendo tão pequena, foi capaz de inspirar meu objetivo, sendo o principal motivo para uma busca de uma realidade diferente, compreendeu a minha ausência ao ser obrigada a abdicar de momentos importantes em família em prol dos meus estudos. Para você minha amada filha, quero ser o exemplo, de você almejo a admiração e espero em ti uma gloriosa caminhada acadêmica no futuro.

Ao meu pai de coração e Professor/Orientador Jose Mário da Silva que abriu meus olhos para poesia desde o começo do curso e foi minha janela de busca para estudar esse poeta. Muito obrigado por ser o anjo encaminhado por Deus para me guiar nas buscas do conhecimento e um pai nos conselhos que orientaram minha escolha. Que Deus o abençoe e

cultive sempre esse coração generoso, esse profissional dedicado, esse professor exemplar para sociedade.

Ao meu amigo professor Humberto Fonseca de Lucena imensuravelmente agradeço o material cedido para construção e desenvolvimento deste trabalho, sem você eu não poderia finalizar esta monografia relacionada a um autor tão maravilhoso.

Ao meu amigo Edvaldo da Costa dono da Pousada Araruna agradeço pela colaboração e a confortável recepção durante o período de minha pesquisa na cidade natal do autor Araruna.

A minha amiga Diretora do Centro Cultural de Araruna Dorotéia de Lourdes da Costa Batista que também se dispôs a me acompanhar durante a pesquisa e lecionar uma aula histórica da cultura e desenvolvimento da cidade de Araruna, além do apoio com material de pesquisa buscado no Centro cultural da cidade de Araruna.

Quero agradecer a todos os competentes professores da Unidade Acadêmica de Letras/UFCEG que contribuíram com profissionalismo e dedicação, compartilhando o conhecimento.

Por fim agradeço a banca examinadora deste trabalho, Rosângela Melo Rodrigues, pela disponibilidade, interesse e dedicação. Grata pelas contribuições.

Não esquecendo quero agradecer também aos funcionários administrativos que fizeram o possível para me ajudar em todos os momentos de construção acadêmica e a todos os meus amigos que me deram força e incentivo para vencer esse novo desafio!

*O humor negro é o responsável pela tristeza mas também pela inquietação que leva o indivíduo a criar. Essa desordem não ocorre sem vantagem ela confere a superioridade de espírito, ela acompanha as vocações heroicas o gênio poético ou filosófico equilibra pelo gênio... (a melancolia) é co- extensiva a inquietação do ser no homem. (ARISTÓTELES;1994, p.31)*



## RESUMO

Neste trabalho, procuramos analisar a construção da melancolia em poemas de Antônio Joaquim Pereira da Silva e destacar a relevância de sua obra *Solitudes*, considerando a recepção da mesma pela crítica literária. A pesquisa aqui presente procura refletir sobre a atuação de um poeta em determinado período da literatura observando as características dos seus poemas. Efetuamos uma sucinta verificação sobre a vida e obra de Pereira da Silva, almejando destacá-lo dentro do contexto melancólico ao qual se classificava e para isto, nos baseamos em uma revisão bibliográfica quanto a fortuna crítica do mesmo, contemplando a visão de autores: Dutra (1996), Fernandes Dias (1996), Elysio de Carvalho (1996), Luiz, Carlos (1996), Muricy Andrade (1996), Barbosa (2014), Ambos fazem apontamentos pertinentes sobre o autor e suas obras. Nossa fundamentação teórica embasou-se nas concepções acerca da melancolia na literatura o autor: Chico Viana e na Psicanálise os autores: Sigmund Freud (1917), Antônio Quinet (2002), Lacan (2002), Wilhelm Griensger. Para a leitura dos poemas partindo da abordagem de interpretação, temática, linguagem e estrutura: Bosi (1977), Goldstein (1998), Pound (2006).

**Palavras-chave:** Pereira da Silva. Poema. Literatura. Psicanálise. Melancolia.

## ABSTRACT

*In this work, we try to analyze the construction of melancholy in poems by Antonio Joaquim Pereira da Silva and highlight the relevance of his work Solitudes, considering the reception of the same by literary critic. The present research seeks to reflect on the performance of a poet in a certain period of the literature observing the characteristics of his poems. We make a brief check on the life and work of Pereira da Silva, aiming to highlight it within the melancholic context to which it was classified and for this, we base ourselves on a bibliographical revision as to the critical fortune of the same, contemplating the authors view: Dutra (1996), Fernandes Dias (1996), Elysio de Carvalho (1996), Luiz, Carlos (1996), Muricy Andrade (1996), Barbosa (2014), Both make pertinent notes about the author and his works. Our theoretical foundation was based on the conceptions about melancholy in literature the author: Chico Viana and in Psychoanalysis the authors: Sigmund Freud (1917), Antônio Quinet (2002), Lacan (2002), Wilhelm Griensger. For the reading of the poems starting from the approach of interpretation, thematic, language and structure: Bosi (1977), Goldstein (1998), Pound (2006).*

*Keywords: Pereira da Silva. Poem. Literature. Psychoanalysis. Melancholy.*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I – ANTÔNIO JOAQUIM PEREIRA DA SILVA.....</b>	<b>14</b>
1.1 O Nascimento de um ícone da dor.....	14
1.2 A academia e sua história poética.....	15
1.3 Olhares crítico: O reconhecimento de um artista.....	17
<b>CAPÍTULO II – EMBASAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>20</b>
2.1 Melancolia.....	20
2.2 Melancolia Literária.....	20
2.3 Sigmund Freud: A melancolia, luto e mania.....	21
2.4 O desejo oculto na melancolia de Quinet e Colaboradores.....	23
2.5 A melancolia e depressão na Contemporaneidade.....	25
<b>CAPÍTULO III - A PROPÓSITO DE UMA ANÁLISE.....</b>	<b>28</b>
3.1 Solitudes! A metamorfose da alma em papel.....	28
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>53</b>

## INTRODUÇÃO

Poeta, advogado e jornalista Antônio Joaquim Pereira da Silva foi o raríssimo intelectual negro que conseguiu a façanha de ser o primeiro paraibano a conquistar uma cadeira na academia brasileira de letras. O Poeta conseguiu se destacar através de lutas cotidianas para vencer na vida, com esforço grandioso diante de uma sociedade inflexível a pobreza, sua arte foi elencada somente após ter reconhecimento como advogado e destaque como jornalista. Aguçado pela insatisfação de uma corriqueira presença da tristeza em situações vivenciadas, passou a transformar os obstáculos de sua vida na arte da poesia.

Minha aproximação da obra de Pereira da Silva se deu quando cursava a disciplina de Literatura Paraibana. Começou o estudo e análise dos poemas em sala e senti a necessidade de buscar mais sobre as obras do mesmo e o porquê de seus poemas melancólicos. A partir do momento que se iniciou o aprofundamento sobre o autor, percebi que não tinha quase material sobre o mesmo, apenas sobre a biografia, sendo assim fiquei intrigada, como o primeiro paraibano a adentrar a academia brasileira de letras não era lembrado por alguns, nem mesmo conhecido por acadêmicos aqueles que moram na própria Paraíba? O esquecimento não era justo para alguém que lutou tanto por um nome, com uma trajetória tão dificultosa. A arte que toca, e espelha uma alma precisa ser conhecida, estudada e divulgada não só na academia mas nas escolas também.

O trabalho presente tem o objetivo geral de analisar a construção da melancolia nos poemas de Antônio Joaquim Pereira da Silva. Nosso objetivo específico é identificar e compreender o conceito dos tipos de melancolia, suas características e em qual delas se classifica a obra de Pereira através da pesquisa na literatura histórica em Chico Viana (1994) e na psicanálise em Sigmund Freud (1917) Quine e colaboradores (2002), qual a relação da construção dos poemas com a vida do autor e como a obra sintetiza o olhar do mundo para o mesmo. O nosso objeto de estudo será a obra Solitudes de 1918.

Sendo assim, o nosso trabalho justifica-se pela importância de resgatar o reconhecimento do autor que é pouquíssimo nos dias atuais e poemas que vem sendo esquecido ao longo do tempo na literatura e na academia. O intuito é também de mostrar como é rica a literatura Paraibana e a importância da mesma na grade curricular de uma universidade na Paraíba.

Este trabalho apresenta leitura interpretativa que ampliamos sobre a melancolia presente nos poemas do livro em Solitudes de Antônio Joaquim Pereira da Silva. O planejamento foi desenvolvido, primeiro lugar, pela escolha da obra durante a disciplina de Literatura Paraibana; em segundo lugar, pela seleção de poemas com orientador, em terceiro lugar, levantamento de materiais referenciais necessários para construção da pesquisa, principalmente os referentes à melancolia, devido ser maior ponto essencial para analisar a construção dos poemas e por fim construir a monografia.

Nossa pesquisa é de natureza bibliográfica caracterizada predominantemente como analítico-crítica, já que parte da tipologia qualitativa interpretativa dos poemas abordados nas páginas (29, 34, 38, 42 E 46, e de caráter investigativo devido a pouco material de pesquisa foi necessária pesquisa de campo para levantamento dos mesmos na cidade natal do autor Araruna no Centro Cultural, registrada nos anexos (I, II, III, IV E X), respectivamente: Centro Cultural de Araruna página 53, biblioteca em homenagem ao autor na página 54, Sala histórica que consta informações sobre o autor página 55 e a Capela onde o autor foi batizado na página 56, Mais material encontrado no Hotel Pousada de Araruna historicamente nas páginas 57 E 58 e pôr fim a descoberta mais importante em Araruna foi que, hoje existe uma avenida em homenagem ao autor nas páginas 59 e 60.

A metodologia desse trabalho de conclusão é incorporada à análise, levando em consideração que o foco das afirmações parte dos poemas. Estruturalmente a nossa leitura interpretativa seguirá a sequência: análise interpretativa dos poemas, SOMBRAS que se encontra na parte de Solitudes do Espírito, A IDADE DO OURO que se encontra na parte Solitudes da Vida, A MARGEM DO CAMINHO que se encontra na parte A Margem do Caminho, CONTRADIÇÃO que se encontra na parte Solitudes do Coração e por O TEMPO que se encontra na parte Solitudes da Natureza, pois o livro se divide nestas cinco partes específicas e em cada uma delas existem as várias poesias e delas estas que serão estudadas foram escolhidas.

No primeiro capítulo começaremos apresentando a história da vida do autor com fatores relacionados as áreas de atuação profissional, seu relacionamento pessoal e seu crescimento social. Abordaremos a trajetória de sua carreira para adentrar a academia brasileira de letras e para finalizar o capítulo a leitura da fortuna crítica sobre o autor.

No segundo capítulo, chamaremos a atenção para o estudo da melancolia que é o aspecto principal de investigação nos poemas. Interpelaremos o conceito e características da melancolia sobre o olhar da literatura em Augusto dos Anjos de 1994 e a visão da psicanálise

sobre o olhar de Sigmund Freud em Luto e Melancolia de 1917 e Antonio Quinet e Colaboradores em Extravios do Desejo: Depressão e Melancolia de 2002.

No terceiro capítulo, será feita a leitura interpretativa dos poemas selecionados comentando de forma clara e breve a temática em cada um deles e sua estrutura, a relação com a melancolia identificando através dos mesmo qual é o tipo de melancolia segundo a psicanálise que se encaixa os poemas de Pereira da Silva baseando-se nos autores citados acima de psicanálise.

## CAPÍTULO I – ANTÔNIO JOAQUIM PEREIRA DA SILVA

### 1.1 O Nascimento de um ícone da dor

Antônio Joaquim Pereira da Silva nasceu em 12 de novembro de 1877 na vila de Araruna na Paraíba. Filho de Antônio Joaquim Pereira da Silva e Maria Ercelina Pereira da Silva. Com o pai falecido, ainda criança foi morar com a mãe e os avós e aprendeu a ler com seu tio Synézio Pereira da Cruz e, desde então, adquiriu o gosto pela leitura, passou a ler jornais e revistas e os poucos livros das pessoas e da biblioteca de Araruna debaixo das laranjeiras. Tornou-se coroinha da Capela da Conceição ajudando na missa quando tinha 8 anos, capela essa onde foi batizado pelo vigário Francisco Xavier da Rocha com quatro meses e seis dias de idade no dia 12 de março de 1877.

Segundo o Documento de Humberto Fonseca de Lucena a miséria e a fome obrigaram-no a morar no Rio de Janeiro com sua família, nesta cidade trabalhou como mecânico, depois trabalhou na estação na estrada de Ferro central e em 1895, ingressou na Escola Militar da Praia Vermelha onde fez o curso preparatório mas não o superior porque foi preso pelo fato de participar da revolução dos cadetes em 1897.

Ao sair da prisão, conviveu com poetas e escritores, foi neste momento que descobriu dom pela poética e passou a se dedicar à literatura. Em 1903 encerrou o cumprimento com o exército, voltou para o rio de Janeiro e se matriculou na faculdade de Direito. Começou a trabalhar no Jornal “Cidade do Rio”. Entre os simbolistas da época se tornou amigo de Rocha Pombo e através dele namorou Eulina (Lili) sua futura esposa.

Passou um tempo isolado na cidade de Palmeira neste, momento aprendeu alemão, após ser transferido da promotoria pública da Comarca de São José dos Pinhais, Paraná e em 1903 voltou para o Rio de Janeiro e se dedicou inteiramente ao jornalismo passando a trabalhar no “Gazeta de Notícias” e posteriormente no “A Noite”. Começou a chefiar “A Pátria” em 1921, dirigiu juntamente com Théo, filho de Agrippino Grieco, a revista “O mundo literário”, por fim, viúvo, conheceu a felicidade pelas vizinhanças da rua Paulo Frontin, onde morava a mulher com quem iria casar, em suas segundas núpcias, em 1930.

Reconstruiu seu lar com sua nova esposa e seu filho único Hélio do primeiro casamento. O grande autor de vida complicada e lutas e conquistas frequentes morreu, às 18 horas, com 68 anos, na Clínica São Vicente, Gávea, Rio de Janeiro, onde estava internado no

dia 11 de Janeiro de 1944. Seu corpo foi velado na Academia Brasileira de Letras e sepultado no Cemitério São João Batista.

## 1.2 Academia e sua história poética

A vida acadêmica foi demorada, esperada, mas alcançada com muita luta e muita plenitude, porém, quando chegou o momento, não obteve muitas interferências. A primeira vez ele tentou e não conseguiu sendo assim, seus amigos acadêmicos, como Gustavo Barrosos, Medeiros e Albuquerque, Laudelino Freire, Olegário Mariano e Aldemar Tavares levantaram um movimento para que ele ocupasse a cadeira deixada por Luis Carlos da Fonseca.

Vários jornais como O Globo, A Nação, Jornal do Brasil, A Batalha e A Noite receberam com alegria e divulgaram o movimento, o que resultou no dia 23 de novembro de 1933 a ABL elegeu o poeta Pereira da Silva para ocupar a cadeira nº18 de que é patrono João Francisco Lisboa, Pereira foi eleito de imediato com apenas um voto contra de Álvaro de Alencastro.

A Paraíba ofereceu o fardão do novo acadêmico e, para homenageá-lo, a bancada do Estado na Assembleia Nacional Constituinte juntamente com amigos e admiradores promoveram uma grande festa na noite de 25 de junho de 1934 na associação brasileira de imprensa tendo na oportunidade falado em nome dos paraibanos Dr. Castro Pinto.

Pereira confirma que esse foi o único momento feliz de verdade que teve em sua vida.

Aqui estamos todos reciprocamente felizes, porque estávamos vivendo uma hora de livre expansão do que há realmente de divino em nossa contingência humana: um acto de beleza e de fé nas virtudes eternas.

E' a primeira vez, na vida, que se me depara a alegria. E' bela e radiosa demais para os meus olhos deslumbrados e para minha alma surpresa. Até hoje afigurava –se -me que a alegria era uma ilusão dos que se diziam felizes, ou para reconfortar os outros ou para simular uma fortitude que, cedo ou tarde, mal resistiria aos embates do Destino. Não tendo nunca encontrado essa Deusa desconhecida, através de todas as vicissitudes da existência descri da sinceridade de seus adoradores, e hoje que ella vem ao meu encontro tão dadivosamente, é fácil avaliar o meu espanto e toda a perplexidade de minha voz. (PEREIRA DA SILVA, 1935, p. 80)

Pereira da Silva (1918) teve uma recepção calorosa na Academia Brasileira de Letras. A seção de posse deu-se na noite de 26 de junho de 1934, com a presença do Epiácio Pessoa.

O marco de sua carreira como poeta melancólico foi a elaboração da poesia “A dor” publicada no jornal “Cidade do Rio”, mesmo que até então Pereira não percebia-se como poeta.



Após o período que passou próximo de poetas e escritores durante um momento boêmio em sua vida, depois de sair da prisão, devido sua participação no movimento da “Revolução dos Cadetes”, em 1903, finalmente a inspiração tomou-lhe e publicou sua primeira obra de autor individual “*Vae soli!*”, mas ainda não era a certeza que ele se direcionaria para área literária definitivamente, só ficou claro seu talento para a escrita poética e sua dedicação quando voltou para o Rio de Janeiro em 1911 e entregou-se para o jornalismo.

Em 1918 publicou o livro “*Solitudes*” e foi o marco da literatura em sua vida, pois foi a partir deste livro que suas obras não pararam mais e sua alma já fazia parte do papel, seus pensamentos eram marcas de brasas quentes instituídas no anseio de uma literatura rica e deslumbrante, abarcadas por uma história recheada de desencontros, sentimentos e motivos, que o fizeram lutar dentro de uma sociedade nada aconchegante e infiltrada de buracos que regem um enredo insatisfatório para um homem negro e pobre

[...] Pode o homem, a seu ver apenas pelo sofrimento, < imponderalizar-se como a luz > [...] Pela dor, que tudo ilumina, é que conseguimos dar forma aos nossos pensamentos. Pela dor é que nos descobrimos e nos conhecemos. Pela dor é que melhor podemos julgar os nossos semelhantes. Por ela é que medimos o grau dos nossos sentimentos. Por ela é que ouvimos a voz rouca e abafada do nosso coração. A dor aperfeiçoa o homem, conduzindo-o a reflexão, afastando-o do caminho do mal limitando-lhe o caráter. A dor purifica o homem, chegando por vezes ao extremo de diviniza-lo, transformando-o num entendedor natural. A dor faz o sábio. A dor inspira o artista. A dor santifica o apóstolo. A dor consagra o poeta.  
(DUTRA, 1936, p. 481- 482)

Este livro só mostra claramente a certeza de que o poeta estava fincado a através da melancolia encontrada em si transparecer em seus poemas a força que isso lhe trazia e que lhe conduzia a buscar algo melhor para seu caminho. Em seguida, em 1921, Pereira da Silva publica o livro “Holocausto”, este vinha, por sua vez, mostrar um homem que manifestava sua arte através de sua alma “A arte é para ele o refúgio espiritual da sua razão de viver.

Dentro da noite que fermenta e fecunda < o silêncio criador da natureza> o poeta medita sobre a fragilidade das coisas contingentes. Os séculos vêm e vão. Trabalha a terra dia e noite, tudo mudando ou refazendo. E mesmo neste trabalho mudo que o carvão se transforma em diamante a as roças se transformam em cristais. Proporciona-lhe um infinito prazer a renúncia cristã dos que nasceram< para a perpétua floridão da dor>. Que outros passem e triunfem! Viverá sempre o poeta da fé que exalça a sua inspiração [...]. (DUTRA, 1936, p. 484)

Em 1923 Pereira da Silva engrandece a literatura brasileira com a publicação do livro “O pó das sandálias” mostrando que mesmo depois de uma infância repleta de fatos que desencadearam sofrimento prolongado, uma adolescência marcada pela humilhação e desprezo

e um casamento com um amor não e a presença da infidelidade em sua companheira correspondido segundo Documento (1993) de Humberto Fonseca de Lucena, ele ainda assim é homem que se preocupa com os fenômenos dos cosmos e problemas religiosos na sociedade.

A impressão que nos dá o senhor pereira da Silva quando o vemos não nos engana: ela é bem a de um homem que passa a existência preocupado com os fenômenos dos Cosmos, os problemas do cristianismo, os frutos da árvore do bem e do mal, as miragens da vida futura[...] (DUTRA, 1936, p. 486)

A penúltima obra de Pereira da Silva intitulada como “Senhora da Melancolia”, para alguns, seria a última obra publicado em 1928. Com este livro se mostrava um homem, de visão do futuro das realidades e inclinação ao entendimento do desapego às coisas materiais e a importância espiritual.

Conta o poeta, no poema liminar, como lhe apareceu a senhora da melancolia < com seu mantéu de azul e o seu olhar cristão>. Depois é idílio entre os dois... Um idílio que transborda em rimas e se desfaz em versos luminosos. Mais do que nunca revolta-se o pensador contra o egoísmo de seu tempo. Não se conquista o supremo prazer, <na volúpia das coisas materiais>. O que hoje negamos a pé firme < pode ser a verdade de amanhã>. Cada século tem as suas ideias e as suas invenções. Cada época tem os seus descobrimentos e os seus mártires. Sabe que veio ao mundo para amar e para sofrer. Assim, caminha a passos largos e certos para *a plenitude da serenidade*, indiferente as críticas que lhe possam ser feitas. Sua alma veste-se de ouro e de azul. Fluido, corre-lhe o sangue nas artérias. Alenta - o *divino milagre de seu sonho*[...]. (DUTRA, 1936, p. 489-490)

Por fim mas não menos importante foi publicado o último livro “Alta Noite” em 1940.

As obras de Pereira da Silva se enlaçam entre sua vida e suas tristezas, suas alegrias e sua compreensão do mundo revelando um homem forte, capaz de transmitir, através de palavras, um anseio em busca de uma realidade que se encontra escondida na inquietação de sua alma e que é revelada através das vozes ecoando pelas cordas vocais de quem contempla sua obra e complexamente consegue refletir.

### 1.3 Olhar crítico: O reconhecimento de um artista

A crítica elencada por nomes marcantes retrata essa pessoa e a obra em sua distribuição de conhecimento analítico de cada situação.

O senhor Pereira da Silva, é por excelência, o poeta da dor. E um grande poeta! Um grande poeta do Brasil de todos os tempos! Reconheço que a filosofia do poeta é amarga, que há em quase todos os seus poemas uma nota elegíaca. Tudo isso porém, é, de melhor poesia[...] (DUTRA, 1996. p. 39).

Neste momento é reconhecido por destacar em seus livros e principalmente no de Solitudes a melancolia presente em seus poemas.

Um dos livros estimados do autor foi *Senhora da Melancolia* dotado de delicadeza com as palavras, elaborado e enaltecido por Carlos Dias Fernandes preenche um espaço que faltava para completar suas obras.

Dotado de uma extrema sensibilidade, a cada passo evidenciada na gentileza e elevação dos seus versos, é de ver que só lhe oferecesse o mundo adversidades, amarguras e decepções [...] é melancólico sem ser amargo, nem fúnebre, nem rancoroso, nem niilista. A sua arte é viril e sadia e das mais belas e caprichadas, modelando a sua lírica nos rigores e requintes do parnasianismo[...] Ora, como o soneto é uma flor de síntese e a síntese a mais apurada forma de pensamento, segue-se que Pereira da Silva está incluso na celsa categoria dos poetas pensadores, na mais alta aristocracia da inteligência.  
(FERNANDES, 1928, apud LUDENA, 1993 p. 41-42).

O poeta é sua essência e transmite uma realidade paralela à junção do homem, do espírito, do pensamento, de visão mundial e seu encontro entre a natureza e a história. Carvalho transparece o que ficará de Pereira da Silva e sua obra como herança de gotas de água que escoam pelas mãos mais, ao cair no solo junta-se a semente e cresce no decorrer do tempo se tornando uma árvore genuína e encantadoramente eterna em nossos corações.

Os seus versos trazem a dor dos que sofrem, a angústia dos oprimidos, o desespero dos aflitos. Seus gritos, suas blasfêmias, suas apóstrofes, suas lamentações, seus cantos, enfim, saem-lhe das entranhas, comovidos, fundos e sinceros[...] A sua obra, aliás uma das mais sinceras, das mais tocantes e das mais singulares do nosso tempo, ficará, de certo, como um fenômeno de estesia e, numa época futura da civilização, poderá ser considerada como subsídio valioso para o estudo da sensibilidade do século XIX nos seus últimos decênios.  
(CARVALHO, 1907, apud LUDENA, 1993, p. 43).

A poesia de Pereira da Silva (1918), apresenta um ritmo próprio capaz de ser comparada a efeitos harmônicos de uma sinfonia o que torna mais rica e mais bela a estrutura de seus poemas e deixa aqueles que a leem encantados.

Já lhe chamaram, ao grande Poeta, o Anthero Quantal, o Leopardi, o Antonio Nobre Brasileiro. Este que não precisa de patronos, para definir a sua personalidade. Embora, de fato, não se possa esquivar aos laços de afinidade finalística, que o prendem àqueles grandes missionários da dor estética, constitui um tipo, à parte, único, no Brasil, por enquanto, e, talvez, para sempre. Porque a sua poesia – lede-o com atenção - é lididamente sua e exprime a serenidade da justiça na consagração da Beleza.  
(CARLOS, 1922, apud LUDENA, 1993, p. 43-44).

Os livros do poeta Pereira da Silva são intensos e apaixonantes, porém o livro considerado como base para as outras obras que refletem decorrendo desta é a “Vae soli!” pois nas outras obras são encontradas características marcantes que derivam desta primeira.

Em toda coletânea se expõe as marcas de uma sensibilidade poética de fundo espiritual, místico mesmo, pois o livro é tido como ‘ Missal das dores’ em que recorre uma tonalidade pessimista à, shopenhauer, evasiva, melancólica e cujos motivos centrais se cristalizam na dor, na tristeza, no sonho, na solidão e na morte. Principalmente na morte enquanto possibilidade libertadora. Estes traços próprios desta primeira obra, como que se esgarçam e se intensificam em modulações outras nos livros posteriores, permanecendo, no entanto, o poeta o mesmo elegíaco de sempre. Daí por que parece-me constituir o ‘Vae soli!’, uma obra matriz, o ponto de partida que define os percursos possíveis, as futuras combinações e notações de fundo e forma que vão fazer de Pereira da Silva um dos mais característicos simbolistas da poesia brasileira. (BARBOSA, 2014. Paraíba).

## CAPÍTULO II – EMBASAMENTO TEÓRICO

### 2.1 Melancolia

A melancolia é uma palavra geralmente ouvida em clínicas psiquiátricas ou alguém a pronuncia quando está em um momento desesperador de sua vida. Algumas pessoas dizem que a melancolia está atribuída a um estado extremo de tristeza outras que a melancolia está relacionada a doença de depressão, ou simplesmente como pieguice. A verdade é que muitas dessas pessoas têm razão só não sabem diretamente relacionar a melancolia ao seu significado e não é culpa delas, já que vem sendo estudada há muito tempo por psicanalistas que tentaram explicar como ela funciona, quais as consequências e estados que ela se propõe.

A origem da palavra Melancolia vem do Latim (Melancholia) e do Grego (Melankholia), “Tristeza”. Queria dizer “Bile Negra”, pois melané queria dizer “negro” e kholé “Bile”. A fisiopatologia atribuía a tristeza e a depressão a um excesso de Bile Negra no organismo, ou seja melancolia literalmente queria dizer até então “organismos em estado profundo de tristeza e depressão”.

Na *Psiquiatria*, a melancolia é considerada uma síndrome caracterizada pela sensação de impotência, inutilidade, pensamentos negativos, dificuldade de concentração, falta de apetite, ansiedade, insônia e ideias constantes de morte.

No *Romantismo*, a melancolia era um estado emocional apreciado, pois representava uma experiência que enriquecia a alma.

Na *Contemporaneidade* a melancolia é vista por psicanalistas, como Quinet e Lacan: uma consequência das atribulações e emoções relacionadas a vida tragada pela necessária correria e a pressão psicológica que envolve a crise econômica, moral e pessoal.

### 2.2 A Melancolia Literária

A verdade é que antes mesmo ser descoberta e analisada pela psicanálise a melancolia já era identificada na literatura.

Começou com Homero na antiguidade greco-latina quando o mesmo oferece uma imagem da melancolia na qual o homem apresentava uma infelicidade resultante de sua desgraça perante os deuses, relacionando a melancolia a culpa e atos humanos.

Em seguida, veio Hipócrates que associou a melancolia à Bile Negra ou atrabile, um dos componentes orgânicos, já que no escapulo grego a saúde está centrada em equilíbrio de substâncias e havendo ruptura dessa estrutura apresenta-se a doença, o que resulta na melancolia.

Na continuação pelo entendimento desse fenômeno Aristóteles percebeu que esse humor também era interessante, pois era importante para reflexão e desenvolvimento artístico, levando em consideração que a tristeza apresenta uma inquietação, uma busca de olhar diferente que converse na vontade de criar.

Durante esse estado o indivíduo se interioriza e ressalta uma superioridade espiritual com vocações heroicas e poéticas, juntas apresentam uma inquietação no interior. Existem casos que devem ser tratados pelos médicos relacionados a doença e casos que devem ser verificados pelos filósofos relacionados a alma.

Na renascença a positividade da melancolia é enobrecida pelo Marsílio Ficino que acrescenta explicações astrológicas herdadas da idade média relacionando os astros ao humor dos intelectuais. No século XVI e XVII emerge o sentido e sentimento da melancolia, a partir dela existe o resultado artístico como um antídoto transcende, em alguns o poético segundo Chico Viana.

O romantismo glorifica mais o estado melancólico como uma dor nostálgica de um tempo e um espaço perdido, um vazio a ser preenchido, vivendo a dor como um luto no qual perpetua uma doença eleita, acrescenta-se uma perplexidade estimular derivada do enigma de outro mundo dentro do homem.

A filosofia e a ciência estão juntas nessa perspectiva devido ao fato de que a psicanálise não descarta a explicação mítico- filosófica reconhecida pelos românticos do vazio preenchido, vazio de uma perda.

### **2.3 Sigmund Freud: A Melancolia o luto e a mania**

A melancolia vem sendo estudada há tempos porém só obteve um aprofundamento a partir do psicanalista Freud, que analisou os estados psicopatológicos do ser humano e descreveu o estudo no livro *Luto e Melancolia* tornando-se a base para futuros estudiosos da mesma. Ele descreve que a melancolia está relacionada ao luto já que a melancolia nada mais é do que é uma saudade do que não foi vivido, uma falta moral, ou uma rejeição que está veiculada ao ideal do eu. Ou seja uma realização que se tornou uma desilusão pelo não acontecido, um luto devido a essa situação.

O luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc. Sob as mesmas influências, em muitas pessoas se observa em lugar do luto uma melancolia, o que nos leva a suspeitar nelas uma disposição patológica. A melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima, que se expressa em auto recriminações e auto insultos, chegando até a expectativa delirante de punição. Esse quadro se aproximará mais de nossa compreensão se considerarmos que o luto revela os mesmos traços, exceto um: falta nele a perturbação do sentimento de autoestima. No resto é a mesma coisa. Isso nos levaria a relacionar a melancolia com uma perda de objeto que foi retirada da consciência, à diferença do luto, no qual nada do que diz respeito à perda é inconsciente. No luto achamos que a inibição e a falta de interesse ficaram inteiramente esclarecidas pelo trabalho de luto que absorvia o ego. Na melancolia um trabalho interno semelhante será a consequência da perda desconhecida e portanto será responsável pela inibição da melancolia. Só que a inibição melancólica nos dá uma impressão mais enigmática, porque não podemos ver o que absorve tão completamente os doentes. O melancólico nos mostra ainda algo que falta no luto: um rebaixamento extraordinário do seu sentimento de autoestima, um enorme empobrecimento do ego. (FREUD, 2013, p. 28)

Freud também apresenta a melancolia como um estado narcisista no qual o próprio melancólico se auto martiriza, ele se vê como um assassino alguém que fez um crime e nem sabe qual crime cometeu mas entende que precisa ser castigado. Porém o melancólico vê nesse auto castigo um prazer de uma libertação ou uma suavidade diante do ódio interior,

[...] Se o amor pelo objeto – um amor que não pode ser abandonado, ao mesmo tempo que o objeto o é – se refugiou na identificação narcísica, o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, insultando-o, humilhando-o, fazendo-o sofrer e ganhando nesse sofrimento uma satisfação sádica. Só esse sadismo resolve para nós o enigma da tendência ao suicídio, pela qual a melancolia se torna tão interessante – e tão perigosa. Reconhecemos como o estado primordial do qual parte a vida pulsional um amor a si próprio tão enorme, e vemos na angústia que sobrevém diante da ameaça à vida uma tão grande liberação de libido narcísica, que não entendemos como esse ego pode consentir na sua própria destruição. (FREUD, 2013, p. 34)

O próprio Freud quando estava estudando a melancolia apresentou dúvidas sobre suas características e consequências que seriam sanadas em alguns estudos mais à frente; contudo, ele descobre que o melancólico tem a capacidade de depois de sua auto punição deixar a dor de lado e vitoriar sobre ela aliviando sua alma chamado de mania.

A peculiaridade mais notável da melancolia, a que mais requer esclarecimento é a sua tendência a se transformar no estado sintomaticamente oposto da mania. [...] Podemos ousar afirmar que a mania nada mais é que um triunfo como esse, só que nela mais uma vez permanece oculto para o ego o que ele suplantou e sobre o qual ele triunfa. Se agora reunimos as duas indicações, o resultado é o seguinte: na mania o ego precisa ter superado a perda do objeto (ou o luto pela perda, ou talvez o próprio objeto) e desse modo todo o montante de contra investimento que o doloroso sofrimento da melancolia atraía do ego para si e ligara fica agora disponível. [...] Das três premissas

da melancolia, perda do objeto, ambivalência e regressão da libido para o ego, reencontramos as duas primeiras nas recriminações obsessivas depois de casos de morte. Lá, sem dúvida é a ambivalência que representa a mola do conflito; depois de passado esse conflito, nada mais resta de parecido com o triunfo de uma condição maníaca. Somos então remetidos ao terceiro fator como o único eficaz. Aquele acúmulo de investimento a princípio ligado, que se libera com o término do trabalho melancólico possibilitando a mania, deve estar relacionado com a regressão da libido ao narcisismo. (FREUD, 2013, p. 35)

Freud foi, sem dúvida, o pai em estudo da melancolia na psicanálise, na psicopatologia, na esquizofrenia e todos os estudos que viriam, percebemos hoje, após vários estudos sobre a melancolia, que, depois de Freud, todos os seguintes psicanalistas e estudiosos da área se apoiam no estudo do livro *Luto e Melancolia*.

#### **2.4 O Desejo oculto na melancolia de Quinet e colaboradores**

A melancolia faz parte do inconsciente mais profundo no qual o ego é o objeto de desejo mais importante e, por isso, o sentimento de perda aumenta internamente a dor de existir que se pune e se transforma. O desejo é o que sobrepõe sobre tudo que está presente no melancólico. Existe uma busca no caminho do eu e encontra-se o outro.

O desejo segue as trilhas das cadeias significantes e, como tal, se expressa nas formações do inconsciente: o sonho, o chiste, o lapso e o sintoma. Propriamente falando, o inconsciente é o lugar da circulação do desejo: o Outro do inconsciente é também o Outro do desejo. (LACAN, 2002. P.8)

Neste caso, podemos dizer que o desejo no inconsciente do melancólico se divide em a auto punição pela culpa o que se transforma em dor e o prazer do gozo causado pela leveza do masoquismo após essa auto punição. O mundo ao seu redor parece que não é mais o mesmo, pois agora sua dor mostra uma busca diferente, quando o supereu toma conta, os valores sociais são elencados o seu inconsciente prevalece e começa uma luta interna apresentando a falta dessa moral e a rejeição. O mais interessante é que o que vai diferenciar um indivíduo do outro nesta situação psicológica são a sua cultura, sua intelectualidade e as condições do seu histórico de sua vida.

Quando esse estado chega a um nível mais elevado, parece ao doente que o mundo real está completamente esvaecido, desapareceu ou está morto, e que não lhe resta mais que um mundo das aparências e das sombras no qual ele é obrigado a seguir existindo para o próprio sofrimento. Enfim, esse mesmo sentimento nele engendra a desconfiança, o ódio, a angústia; ele teme todos os acidentes possíveis; algumas vezes se torna hostil, agressivo; frequentemente foge do mundo porque se sente indefeso e



impotente, e fecha-se em si mesmo[...]Seja como for, todos esses delírios melancólicos têm o mesmo caráter essencial: a passividade, o padecimento, a dominação e a submissão [...] Mas é fácil ver, todavia, como o tema sobre o qual ele agira deve variar conforme o nível de cultura e o caráter de cada doente, conforme os acontecimentos anteriores de sua vida e conforme as impressões que ele tenha tido acidentalmente. (Wilhelm Griesinger, 2002, p. 15-21)

Após estudos, os psicanalistas chegaram à conclusão de que existem vários tipos de melancolia relacionados a características diferentes. Por exemplo: Existe o que eles chamam de *Melancolia Religiosa* porque o paciente se vê pressionado pela religião; o mesmo sente que é rejeitado por Deus, devido ao fato de não atingir as expectativas do pai, por não conseguir manter-se de acordo com as leis instituídas por Deus e apresentada pelo homem.

No sentido do corpo ser usado como fator principal interno e externamente, existe a *Demono-melancolia* na qual a pessoa se sente tomada por uma força sobre si, dominada, ouvindo vozes e apresentando convulsões que se elencam possessões.

Os psicanalistas ainda conseguiram após análises identificar a *melancolia metamorfoses* na qual a pessoa perde a personalidade e se vê com membros diferentes como por exemplo de madeira, como seria o caso de comparação com o Pinóquio, só que de uma forma destrutiva.

A primeira a ser identificada foi a *melancolia da Nostalgia* que sente saudade de casa, retorno ao seu país. Saudade de alguma coisa que não viveu lá ou teve num período passado que já não tem mais.

O interessante é que essas formas de melancolia apresentam uma característica que é atribuída a todas, quem as tem apresenta foco central em si mesmo com desejo de auto punição, algumas apresentam delírios, outras mais graves pulsões de destruição atacando violentamente quem estiver próximo, porém são raras as que conseguem chegar à superexcitação que se transforma em mania após uma luta interior que afasta a tristeza e exalta a alegria.

Logo, podemos concluir que, igualmente, para todos os tipos, a melancolia apresenta um sentimento de perda por algo não vivido, ou perdido, levando o indivíduo a si fechar para o mundo e psicologicamente desenvolver um mundo interior no qual exige de si próprio uma punição para sentir-se aliviado diante da cobrança de um objeto perdido ou não obtido.

Esses fenômenos constituem o quadro da melancolia simples sem delírio, também designada melancolia com consciência ou hipocondria moral. São eles: a dor moral, os distúrbios cenestésicos e os distúrbios intelectivos, esses últimos englobados pela designação "parada psíquica". As ideias delirantes, se sobrevindas, são secundárias. Oferecendo um tratamento pela via do desejo, a psicanálise torna possível para o sujeito o caminho que parte da dor de existir e segue em direção à alegria de viver. Para isso, todavia, é necessário que o sujeito queira saber, tendo a coragem de se

confrontar com a dor que morde a vida e sopra a ferida da existência, a fim de fazer da falta que dói a falta constitutiva do desejo. (Antônio Quinet, 2002.p.74-91)

O amor, desde o início dos tempos, é considerado a principal forma de satisfação psicológica pois elenca o desejo de sentir-se completo. Para as mulheres está mais relacionado a uma realização pessoal, para os homens é mais uma consequência da relação do desejo com sexo idealizado, por isso sem uma vida amorosa e a presença do corpo a corpo, apresenta-se uma perda do objeto desejado, e geralmente encontra-se a melancolia.

Portanto as mulheres amam porque chamam o amor. E o amor é chamado porque é dom, ao passo que o desejo é "conquista". Compreende-se a partir daí o efeito antidepressivo o encontro amoroso que, se comporta o corpo-a-corpo, a ele não se reduz. Pois o amor dirige-se ao dizer, operando o enigmático reconhecimento de dois inconscientes\ Infelizmente o amor é fortuito e, além disso, efêmero, como sempre se soube. É a razão pela qual, aliás, ele aspira a não cessar de se escrever, a elevar-se ao necessário. Excitante quando se ganha com o encontro, o amor é também deprimente quando se perde e, situando a causa do desejo no Outro, ele deixa o sujeito mercê dos caprichos de sua resposta, como que ameaçado de ausência. (LACAN,2002. P. 109).

A melancolia, apesar de parecer muito com a depressão, apresenta características diferentes, pois a depressão está voltada para um estado consciente, buscando nos outros o motivo pela tristeza a melancolia se encontra no inconsciente e se auto puni procurando em si uma forma de masoquismo para aliviar a dor interior.

Além disso, na melancolia, muitas vezes, ocorre a transformação de dor em uma liberdade de expressão, em forma de linguagem ou outro tipo de arte que a depressão não conseguiria. Na revista Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2014, vemos o seguinte:

Para Freud a depressão está vinculada a um afeto, sintoma ou estado que envolve tristeza, desgosto, inibição e angústia. Já a melancolia está associada a um estado inconsciente de impossibilidade de elaboração do luto, uma neurose narcísica.

## **2.5 Melancolia e depressão na contemporaneidade**

Atualmente vivemos em um momento social que contribui significativamente para auxiliar no desenvolvimento da melancolia ou da depressão.

A pressão psicológica está presente em quase tudo que fazemos e desejamos no dia a dia a começar pela família.

A família é a primeira a pressionar os filhos para que alcancem uma realização acadêmica muitas vezes voltadas para o seu desejo não concretizado; e, se baseando na sua vontade, impõe através de sua autoridade, uma necessidade de ver em seu filho essa realização.

A segunda a exercer uma pressão psicológica devido a essa conscientização em casa seria do próprio aluno que submete a um estresse evolutivo para alcançar o objeto dos pais.

O terceiro e pior fator a pressionar é o desgaste financeiro, é o famoso apelo no mercado de trabalho que exige um auto controle de situações desiguais de concorrência na área buscada, elencando desmotivação pessoal diante de uma sociedade financeiramente desestabilizada e mal estruturada.

Quando levamos em consideração todas essas situações de pressão psicológica exercida sobre o ser humano, entendemos que o aumento de melancolia ou depressão está diretamente relacionado à estrutura cultural, econômica e psíquica motivacional em relação aos fenômenos emocionais, faltando de partes superiores quem oriente e ajude, mas durante toda a vida aumenta quem prolongue uma cobrança maior do que muitos podem suportar ou conseguir ultrapassar e se estabilizar.

Um país no qual é mais importante parecer do que ser ou seja existe uma supervalorização da estética visual e posicional econômica do que uma estrutura bem elaborada do eu e um reconhecimento do desenvolvimento pessoal alcançado por um acompanhamento estrutural começando da família até a política. Ainda na revista *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2014, encontramos:

Na contemporaneidade, o aumento dos diagnósticos de depressão parece sinalizar um descompasso entre as exigências sociais como a valorização da hiperatividade e do consumo desenfreado e a necessidade de tempo necessária para a elaboração psíquica. Na nossa sociedade nos deparamos com uma cultura que supervaloriza o individualismo, o consumo, o culto ao corpo e o mundo das imagens, o que propicia o surgimento das patologias narcísicas. Assim como a melancolia foi uma forma de expressão do mal-estar no século XIX, a depressão tem sido considerada o mal-estar do século XXI. [...] A melancolia pode ser uma patologia narcísica, caracterizada por uma falha na constituição do eu, na qual predominam os impulsos destrutivos, podendo levar à destruição do eu, mas pode também ser uma posição subjetiva, caracterizada pela capacidade de simbolização. No entanto, a depressão também pode ser uma patologia ou uma posição subjetiva acionada pela resistência às altas demandas da sociedade que supervaloriza a produção, o consumo e o espetáculo. Nesse caso, o depressivo se vê impossibilitado de atender às exigências sociais. O excesso de atividades e exigências da condição de vida pós-moderna diminui a troca de experiências e aumenta a pobreza interior, trazendo como consequências um sentimento de vazio, o que dificulta o processo de simbolização.

A sociedade contemporânea trata diretamente com uma tecnologia que está sempre em movimento e construção; que, em alguns momentos, facilita a vida profissional e pessoal quando tratamos de desenvolvimento e praticidade, porém devido a essa mesma praticidade existe também o surgimento de cobranças que estão relacionadas à formação acadêmica empresarial que aparentemente tem se mostrado cada vez mais dependente da tecnologia e suas contribuições a começar pela internet.

## CAPÍTULO III - A PROPÓSITO DE UMA ANÁLISE

### 3.1 Solitudes! A metamorfose da alma em papel

Estes poemas abarcam a dor que o autor sofre em sua vida, e na arte transcreve com destreza deixando para posteridade uma rica beleza instaurada por sua cruel realidade vivida por muito tempo.

O livro é muito interessante mas um aspecto que chama atenção é que na introdução do livro, na capa de rosto o autor apresenta um laconismo claro do que deve-se esperar nas páginas seguintes.

*E' meu tormento. Chama-lhe poesia,  
Arte do verso. Chamo-lhe o madeiro,  
A cruz da minha noite e do meu dia.*

*\_Cruz em que verto o sangue verdadeiro  
E em que minh' alma em transes agonía  
E o coração se crucifica inteiro...*

Vemos aqui a poesia como um escape para uma vida complexa, uma transição entre a dor e a habilidade de transformação da mesma para o papel, a poesia o crucifica e o pune ao mesmo tempo que o liberta. Uma verdadeira proeza para poucos com o dom de emocionar, de entusiasmar e por fim de encantar aqueles que tem a oportunidade de conhecer sua obra.

A seguir veremos detalhadamente a análise de alguns poemas para identificar com toda certeza a melancolia presente em Pereira da Silva.

**Poema 1***SOLITUDES DO ESPÍRITO**Sombras...*

*Anjo soturno da Melancholia,  
Anjo ou demônio, causa desta doença,  
Anda na minha solitude imensa  
Como um fhantasma triste que me espia...*

*Hora alguma decorre, noite e dia,  
Sem que me esteja sempre na presença:  
Seja no meu espírito que pensa,  
Seja no coração que me agonía.*

*Em mim, fora de mim, a todo instante  
E em toda parte a sombra circunstante  
Sempre a enlutar-me de uma noite ambiente...*

*E como a sua acção tudo se ensombra  
Ambos vivemos silenciosamente  
Como uma sombra ao lado de outra sombra...*

**Pereira da Silva, (1918).**

O poema Sombras de Pereira da Silva é uma alusão a um espírito inquieto atormentado pela tristeza que assombra a sua vida.

Segundo a etimologia a palavra sombra é derivada do latim (latim *sulumbra*), representada por uma expressão *sub illa umbra*, que quer dizer: *na parte escura do céu ou sob a parte do céu que está escura*. Poeticamente *denota tudo aquilo que entristece a alma*. No aspecto espiritual, pode denotar *a região dos mortos*. Sendo assim, podemos compreender melhor o que o autor quis dizer quando colocou este título. Na Verdade, remete a escuridão que existe em sua alma, como se seu corpo estivesse no mundo dos mortos porque está desprovido da felicidade que seria o sentido de viver como podemos ver na estrofe abaixo:

1. *Anjo soturno da Melancholia,  
Anjo ou demônio, causa desta doença,  
Anda na minha solitude imensa  
Como um fhanasma triste que me espia...*

Na primeira estrofe do poema podemos identificar a presença de seres que representariam no âmbito religioso o lado bom de Deus (Anjo) e o lado ruim (Demônio), porém diferente dos anjos celestiais de luz, este é um anjo melancólico sombrio, assustadoramente imerso nas trevas, que, neste caso, pode ser comparado ao demônio, já que está presente em sua vida para atormentá-lo com essa melancolia. Um fantasma que causa a tristeza em seu ser e observa constantemente.

Na segunda e terceira estrofe do poema, o autor intensifica a presença desse anjo angustiador que não o deixa e que continua maltratando seu espírito e martirizando seu coração diariamente. Uma presença que seja espelhada dentro dele ou o envolva por estar em toda parte, matando-o por dentro em qualquer lugar que esteja.

2. *Hora alguma decorre, noite e dia,  
Sem que me esteja sempre na presença:  
Seja no meu espírito que pensa,  
Seja no coração que me agonia.*

3. *Em mim, fora de mim, a todo instante*  
*E em toda parte a sombra circunstante*  
*Sempre a enlutar-me de uma noite ambiente...*

Na quarta e última estrofe do poema, vemos que é aqui que ele sintetiza o sentido da presença deste anjo melancólico e o que ele representa, quando ele diz que:

4. *E como a sua acção tudo se ensombra*  
*Ambos vivemos silenciosamente*  
*Como uma sombra ao lado de outra sombra...*

O anjo age se sobressaindo sobre todos os momentos tornando-os tristes e obscuros o próprio ser e o anjo andam juntos como um espírito que convive com outro espírito tornando-os um só. Sendo assim esse anjo é como o eu lírico se identifica.

O ideal do eu é o traço do Outro, ou melhor, a insígnia do Outro que situa o eu ideal para o sujeito, i(a), como aquele objeto imaginário, amado pelo Outro, com o qual o sujeito se identifica[...] O melancólico se identifica com o objeto perdido, "a sombra do objeto cai sobre o eu". [...] justifica a identificação com o objeto perdido dizendo que sua escolha foi originalmente narcísica, e faz, portanto, uma referência à teoria da escolha de objeto por apoio ou escolha narcísica. O sujeito melancólico, que tinha escolhido esse objeto de amor via narcisismo, por espelhamento, ao perde-lo, volta a essa relação de identificação imaginária e não reinveste em nenhum outro objeto. (QUINET, 2002, p. 135)

Durante todo o poema o eu lírico apresenta uma imagem que plurifica o significado de anjo, ele abre espaço para uma versão de maldade que pode ser ocasionada por um ser que deveria ser apenas para trazer-lhe felicidade.

Quando estamos lendo é como se víssemos um homem diante de um espírito ao qual ele o nomeia como anjo, mas ao mesmo tempo é como se fossem dois espíritos em um só corpo, um lutando para acabar com a tristeza, outro lutando para manter essa tristeza, onde o primeiro se entrega e terminam os dois juntos em uma melancolia constante, sem ter para onde fugir.

Como o eu lírico apresenta este aspecto entre realidade e divindades nos remete ao que os psicanalistas chamam de melancolia religiosa.

Dá-se o nome de melancolia religiosa a essa forma de melancolia em que o delírio gira principalmente em torno das representações religiosas, da ideia de que se cometeu grandes pecados, do medo de suplícios do inferno, da ideia de que se é rejeitado por



Deus etc. [...]Se é certo que a energia psíquica paralisa quando o espírito está incessantemente preocupado *com* a contrição e com o medo dos suplícios do inferno e constantemente trabalhado por representações sombrias e ascéticas sobre a vida desse mundo; se é certo que as representações tristes dominam facilmente o pensamento nessas circunstâncias e que as cabeças fracas caem sob essa influência em um estado de desunião interior e de tristeza dolorosa.  
(GRIESINGER, 2002, p. 37)

Um aspecto muito intrigante que nos chama a atenção é que o autor Pereira da Silva publicou este livro em 1918, porém em 1917 tinha sido publicado por Sigmund Freud o livro *Luto e Melancolia*, que explica exatamente como acontece a melancolia e quais as suas características. Os poemas do livro *Solitudes* são escritos harmoniosamente, encaixando-se perfeitamente nas características da melancolia, que demonstra que é possível que tenha havido influência da obra de Freud na lírica dos poemas do paraibano

Freud, em "Luto e melancolia" (1917), diz o seguinte: "A melancolia, cuja definição varia inclusive na psiquiatria descritiva, assume várias formas clínicas, cujo agrupamento em uma única unidade não parece ter sido estabelecido com certeza". Se Freud parte de uma indefinição, no entanto, descreve, nesse mesmo texto, suas características principais. Ele caracteriza a melancolia como uma depressão profundamente dolorosa - a primeira coisa circunscrita é a questão da dor - em que há uma suspensão do interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda atividade e a diminuição do sentimento de autoestima, manifestadas em autoacusações e auto-injúrias e podendo chegar à espera delirante de punição.  
(FREUD 1917 apud QUINET, 2002, p. 122)

Em relação à estrutura, o autor utiliza pronomes variados para fazer uma conexão entre o eu e o outro por exemplo: pronome pessoal oblíquo átono (me) e pronome pessoal oblíquo (mim) os dois estão relacionados à primeira pessoa do caso reto (eu) mas neste caso o autor usa as duas formas tanto o átono oblíquo (me) e o tônico (mim) para representar o (eu) de duas formas: o que está sujeito ao verbo e o que está acompanhado de preposição, o que indica a relação entre o eu interior e o eu exterior vivendo dois momentos diferentes presos em uma única realidade, um exercendo a ação sobre o outro.

Ele utiliza também pronomes possessivos em primeira pessoa (meu) e (minha) para elencar que está tudo relacionado a uma única pessoa o (eu); também encontramos o pronome demonstrativo (desta) que seria a combinação da preposição (de) mais o pronome (esta) mostrando a proximidade do momento em que ele vive esta situação e a relação de cumplicidade pois ele poderia usar apenas esta mas usou desta que foi formada de uma união.

O poema é um soneto formado por quatro estrofes sendo dois quartetos e dois tercetos, apresentando palavras chaves que identificam esse mundo de escuridão como: melancolia, demônio, fantasma, sombra, enlutar-me, noite e agonia.

Na maioria das estrofes inclusive, no título, o mesmo se utiliza da pontuação (...) reticências para transmitir emoção e subjetividade diante do ele escreveu.

## Poema 2

## SOLITUDES DA VIDA

*A idade do Ouro (A' villa de Araruna.)*

*A minha infância! Tenho-a na memoria.  
Embora os transe trágicos da vida  
Levassem meu destino para a glória  
Ou para morte menos percebida,  
Essa lembrança luminosa e cara  
Jámais da minha mente se apagara.*

*Ella foi triste, ella foi desolada,  
Não teve a graça própria á idade inquieta,  
Essa primeira luz da madrugada  
Prenunciadora de natal de um poeta;  
Mas, inda assim, foi minha idade de ouro,  
Meu primeiro, meu único thezouro.*

*Filho do Norte, a Natureza ardente  
Amentou de luz e de ar meus dias  
Livres e soltos neste verde ambiente  
De florestas fecundas e sombrias!  
Não me ficou somente na retina,  
Mas n'alma, essa paisagem que fascina.*

*Ficaram-me indelévels nos ouvidos  
O vozeio das festas e das feiras,  
A hilaridade de crystaes partidos  
Dos sinos nas matinas domingueiras,  
O tropel sertanejo dos comboios,  
A prosódia das aguas nos arroios.*

*As essências mais árduas e custosas  
Não conseguiram dar-me o goso exacto  
Do cheiro virginal daquellas rosas,  
Do olarante verdor daquele mato...  
Quem já gosou emanações iguaes  
A's desses campos com seu roseiraes?*

*São meu thezouro occulto essas lembranças  
Que andam commigo sem que ninguém veja.  
Que saudades de um par de rôlas mansas  
Que pousavam na própria cruz da egreja  
E lá ficavam, mudas e serenas  
Em doce idyllo debicando as penas!*

*Como esse par de pombos os velhinhos  
Vinham sentar á porta, scismadores,  
Emquanto entre os sylvedos dos caminhos  
Aos rapazes as moças davam flores  
E nós, meninos, íamos em bando,  
Ver nos curraes o gado vir chegando!*

*Pela tarde bucólica, era lindo  
Todo o gado apriscando pressuroso  
Para o repouso e como que sentindo  
E antegosando, farto, esse repouso!  
Todo o redil ficava alvorotado  
E era pequeno para tanto gado.*

*São meu thezouro essas saudades puras  
De minha villa fértil e florida  
Com seus campos cobertos de verduras,  
Rôças fartas de fructos e de vida,  
Simpleza nos labores e folgares,  
Costumes de bondades singulares.*

*Quanta firmeza nesses homens rudes  
E votados nos dias de perigo  
A confortar-nos nas vicissitudes  
E, comnosco, a enfrentar nosso inimigo,  
Inspirando-nos fé, dando-nos crença  
Em Deus que pune os máos e os bons compensa!*

*Tenho nos olhos d'alma aquelles montes  
Que o Poente inflamma de clarões sombrios;  
Ouço mais viva a voz daquellas fontes,  
Mais surdos os rojões daqueles rios  
E muita vez, á noite, horas inteiras,  
Escuto, ao longe, o éco das cachoeiras.*

.....  
*Oh! Minha infância! Tenho-a na memoria.  
Embora os transe tragicos da vida  
Levassem meu destino para gloria  
Ou para morte menos percebida,  
Nunca ouvidara a minha idade de ouro  
Meu primeiro, meu único thezouro.*

**Pereira da Silva, (1918).**

O poema A idade do Ouro de Pereira da Silva resplandece uma homenagem a cidade natal do mesmo. Com uma temática de saudade, apresenta lembranças que marcaram sua vida e que se tornaram tesouros de momentos de felicidade ingênua de uma criança, que se abraça a detalhes visuais da natureza e do ambiente que ele se encontrava quando pequeno como podemos ver na 1ª estrofe do poema:

**1. A minha infância! Tenho-a na memória.**

*Embora os transe trágicos da vida  
Levassem meu destino para a glória  
Ou para morte menos percebida,  
Essa lembrança luminosa e cara  
Jámais da minha mente se apagara.*

Porém, quando vamos para segunda estrofe do poema conseguimos identificar que, na verdade, a infância do autor não foi como deveria ser, passou por situações que só um adulto de tristeza e agonia o que já mostrava uma introdução da enunciação de um poeta melancólico que nasceria no futuro e mesmo assim se tornou um tesouro para o eu lírico.

**2. Ella foi triste, ella foi desolada,**  
*Não teve a graça própria á idade inquieta,  
Essa primeira luz da madrugada  
Prenunciadora de natal de um poeta;  
Mas, inda assim, foi minha idade de ouro,  
Meu primeiro, meu único thezouro.*

Na terceira estrofe do poema o eu lírico se declama do norte ele mostra que não esqueceu de onde veio e como foi importante para o desenvolvimento de sua personalidade, esses momentos que viveu em Araruna, arrodado de belezas coloridas, fascinantes para sua alma.

**3. Filho do Norte, a Natureza ardente**  
*Amamentou de luz e de ar meus dias*

*Livres e soltos neste verde ambiente  
De florestas fecundas e sombrias!  
Não me ficou somente na retina,  
Mas n'alma, essa paisagem que fascina.*

Nas estrofes seguintes ele descreve imagens de momentos passados que confirmam mais ainda essa beleza porém agora ele se utiliza dos órgãos dos sentidos.

Na quarta estrofe audição: [o vozeio das festas e das feiras], e na décima primeira estrofe [ouço mais viva a voz daquelas fontes]. Em seguida, na quinta estrofe olfato [Do cheiro virginal daquelas rosas] e, na décima primeira estrofe, novamente agora visão [tenho nos olhos da alma aqueles montes]. Ou seja, eu vejo, eu sinto, eu ouço eu vejo são sensações de longa duração que se encontram na parte do cérebro chamada hipocampo.

Deste ponto de vista percebemos que o autor demonstra a dor da nostalgia de um lugar, uma infância trivial que o mesmo não conheceu, deste momento já iniciara inconscientemente marcas de uma futura melancolia na segunda estrofe:

*“Essa primeira luz da madrugada,  
Prenunciadora de natal de um poeta”.*

Conforme os dados presentes na bibliografia do autor, percebe-se que seu pai morreu ele era muito pequeno, e ele passou por bastante dificuldade com a mãe aprendeu a ler já grandinho quando foi morar com o avô, uma infância marcada por uma perda e as consequências dela.

O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. (FREUD, 1917 p. 250)

Quando observamos a poesia entendemos que não se trata de uma infância feliz mas sim infeliz, o inconsciente do autor neste momento tenta justificar a ausência de uma infância completa através de lembranças belas dos lugares que ele recorda da cidade que morou isso chama-se racionalização. Por que ele faz isso? Simples porque o melancólico geralmente é dominado pelo superego sendo assim ele tende a usar os valores da sociedade que aprendeu durante a vida para punir o ego e por isso neste poema apenas nas entrelinhas conseguimos identificar essa melancolia.

Freud desenvolveu mais tarde, (1923) um modelo estrutural da personalidade, em que o aparelho psíquico se organiza em três estruturas: **Id** [...] O id é formado pelas pulsões, instintos, impulsos orgânicos e desejos inconscientes. Ele funciona segundo o princípio do prazer (*Lustprinzip*), ou seja, busca sempre o que produz prazer e evita o desprazer. [...] O ego desenvolve-se a partir do id com o objetivo de permitir que seus impulsos sejam eficientes, ou seja, levando em conta o mundo externo. É o chamado princípio da realidade. É esse princípio que introduz a razão, o planejamento e a espera ao comportamento humano. A principal função do ego é buscar uma harmonização inicialmente entre os desejos do id e a supervisão/realidade/repressão do superego. [...] **Superego** [...] A parte moral da mente humana e representa os valores da sociedade. O superego tem três objetivos: (1) reprimir, através de punição ou sentimento de culpa, qualquer impulso contrário às regras e ideais por ele ditados; (2) forçar o ego a se comportar de maneira moral, mesmo que irracional; e, (3) conduzir o indivíduo à perfeição, em gestos, pensamentos e palavras. O superego forma-se após o ego, durante o esforço da criança de introjetar os valores recebidos dos pais e da sociedade a fim de receber amor e a feição. (FREUD, 1923)

O poema A idade do Ouro, neste caso, não é importante apenas porque foi um momento na vida do autor de sua infância, mas porque de todos os poemas do autor este representa qual tipo de melancolia o autor se compara as características de acordo com a psicanálise.

O poema transcreve essas características nas três primeiras estrofes e na última que repete a primeira, usando a função emotiva e deixando em evidencia o tipo de melancolia expresso pelo autor, a *melancolia Nostálgica*.

Melancolia da Nostalgia que sente saudade de casa, retorno ao seu país. Saudade de alguma coisa que não viveu lá ou algo que teve num período passado e já não tem mais. (QUINET, 2002)

## Poema 3

*A MARGEM DO CAMINHO**A'margem do caminho...*

*Tudo na vida passa ou degenera:  
A vontade mais firme, o amor mais forte.  
Não há conforto humano que conforte  
Quem foi ferido de uma dor sincera.*

*Quem já não viu que sobre tudo impera,  
Bella ou sinistra a estrela real da sorte?  
Que a alma de santo ou coração de fera  
Muita vez já não quiz forçar a morte?*

*E é tudo assim por que uma força eterna  
(Deus relevai-me a exaustação!) governa  
Occultamente o nosso ser mesquinho.*

*O verdadeiro espírito consciente  
Como, afinal, acaba intimamente  
Só, desolado, á margem do caminho!...*

**Pereira da Silva, (1918).**

Curiosamente quando vemos o título *à margem do caminho* pode-se ver uma imagem de alguém sentado na beira de uma estrada pensando em sua vida o que nos remete um momento de descanso e reflexão.

Na Bíblia em: Jeremias. Cap.6.Versículo 36. Está escrito: "*Assim diz o Senhor: Ponde-vos à margem no caminho e vede, perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho; andai por ele e achareis descanso para a vossa alma; mas eles dizem: Não andaremos.*"

Sendo assim, já aqui já podemos fazer uma ponte entre o que o autor vem a passar neste poema que identificamos com características de cunho religioso. É um momento de parar, refletir e analisar sobre sua vida.

*Lembrando que aqui não se trata de uma melancolia religiosa, na melancolia religiosa o ser indivíduo se torna melancólico por que acredita que não é digno das divindades ele se acha inferior e incapaz de chegar a atingir, se apresentam comandados por uma força maior que os controla como uma possessão, aqui se trata apenas de um reconhecimento que existe uma força maior sobre todas as coisas que está acima do que você escolhe para si durante sua vida.*

Na Primeira estrofe ele explica que não importa o que você faça, não existe quem se tranquilize com a dor de um amor acabado e que, mesmo sendo o amor uma coisa tão firme e importante na vida, em algum instante vai chegar o momento que ele vai extinguir.

É neste momento do poema que ele se mostra melancólico, e, em seguida, conforta essa melancolia com a fé, acima da sorte e acima do amor e acima de tudo existe Deus uma força maior.

*1.Tudo na vida passa ou degenera:  
A vontade mais firme, o amor mais forte.  
Não há conforto humano que conforte  
Quem foi ferido de uma dor sincera*

Na segunda estrofe o eu lírico expressa a tristeza em seu ser por não ter a sorte de encontrar a felicidade, e se pergunta quem ainda não quis morrer algum dia? Mais uma vez ele demonstra a melancolia que o deixa longe do mundo real e inconscientemente cada momento que passa ele si fecha para um mundo próprio de desilusões, e auto punição, pensando até em desejar a morte.



2. *Quem já não viu que sobre tudo impera,  
Bella ou sinistra a estrela real da sorte?  
Que a alma de santo ou coração de fera  
Muita vez já não quiz forçar a morte?*

Na terceira estrofe do poema ele remete mais uma vez a fé cristão pedindo ajuda a deus para lhe encaminhar e perdoar, explicitando que o espírito do ser humano é mesquinho e culpado e dependente dessa força maior em sua vida.

3. *E é tudo assim por que uma força eterna  
(Deus relevai-me a exautação!) governa  
Occultamente o nosso ser mesquinho.*

Em "Luto e melancolia", Freud diz que tudo isso é tudo verdadeiro, ou seja, que é verdadeira a afirmação "sou mesquinho, egoísta, mentiroso e incapaz de independência" (FREUD, 1917)

Na última e quarta estrofe o poema deixa mais claro ainda a melancolia quando ele mostra que o espírito consciente acaba se deslocando para margem do caminho intimamente, e lembrando da explicação da psicanálise informa que a principal característica da melancolia é se encontrar no inconsciente.

Vejamos: O eu tomando conta do outro eu quando o consciente fica a margem, “de lado”, como ele mesmo expressa “desolado”, “intimamente” ou seja dentro de si próprio toma de conta o eu do inconsciente com a presença da melancolia.

4. *O verdadeiro espírito consciente  
Como, afinal, acaba intimamente  
Só, desolado, á margem do caminho! ...*

O poema é um soneto mais uma vez muito bem elaborado formado de uma estrutura clássica dois quartetos e dois tercetos elencando-se em versos com rimas ricas e pobres e também é prestigiado com figuras de linguagem como a metáfora *Bella ou sinistra a estrela real da sorte?* e personificação “*Que a alma de santo ou coração de fera Muita vez já não quiz*

*forçar a morte?*”. Diferente do poema anterior que conteúdo do poema é voltado todo para o próprio eu lírico aqui a qualquer pessoal em qualquer lugar, pode passar por essa situação.

## Poema 4

*SOLITUDES DO CORAÇÃO**Contradição*

*A luz e atreva, a lagrima e a alegria,  
Os contrastes que a mente encontra em tudo,  
Têm sido para o meu profundo estudo  
A mais intensa fonte de agonia.*

*Nunca o tempo passou, noite nem dia,  
Sem que este mal não fosse mais agudo  
E esta mesma ilusão com que me iludo  
Não me illudisse mais que me iludia.*

*Foi sempre assim. Tenho contado os anos  
Pela série dos grandes desenganos  
Por que meu coração tem vindo a rastros.*

*Entretanto lá estas - lá na outra extrema,  
Visão da Morte, synthese suprema,  
Rindo, a offerar-me uma lauréola de astros!*

**Pereira da Silva, (1918).**

O poema que analisaremos agora chama-se *Contradição* e se encontra na 3ª parte do livro intitulado *Solitudes do Coração*.

Podemos dizer que a parte do livro escolhida para um poema com um título desse nos deixa muito curioso, porque sabemos que quando se fala em coração, o amor está sempre em foco, e o amor é sem dúvida contraditório em nossa realidade. O amor é um sentimento que nos desnorteia, deixa confuso os pensamentos e em conflito os sentimentos com a razão, por isso *contradição* é sem dúvida um subtítulo para o amor.

O poema em questão na primeira estrofe deixa-nos a par da situação confusa que se encontra um apaixonado:

1. *A luz e atreva, a lagrima e a alegria,  
Os contrastes que a mente encontra em tudo,  
Têm sido para o meu profundo estudo  
A mais intensa fonte de agonia.*

A *contradição* presente nesta estrofe, permite que possamos identificar a melancolia do eu lírico, pois primeiro ele usa abstrações e sentimento para demonstrar esta dúvida que se encontra em sua mente, *Luz e Treva, lagrima e alegria*, em seguida ele diz que esses contrastes se encontram *em sua mente*, e que *num estudo profundo* ou seja em seu interior, existe uma *agonia intensa*.

A confusão que está em sua mente, e o deixa tão atordoado é exatamente porque a melancolia se encontra no inconsciente e sendo assim o melancólico não sabe explicar pelo o que ele mesmo está passando.

Os melancólicos alternam um sentimento de insatisfação em relação a tudo - acham tudo ruim e defeituoso - com um sentimento de indiferença absoluta. Nesse caso, estão tão absorvidos pelos sentimentos de sua própria infelicidade e sofrimento que o mundo exterior não interessa mais. Podem ainda dizer que para eles "tudo é bom demais, e que criaturas como eles jamais seriam suficientemente desprezadas". Todas essas mudanças no humor dos melancólicos aparecem no período inicial sem nenhum motivo e não dependem de representações delirantes individuais. Nesse período, ele não sabe justificar a razão desse seu afeto.

(GRIESINGER, 2002, p. 18)

Na segunda estrofe do poema o eu lírico mostra a *contradição* em seu próprio sentimento:

1. *Nunca o tempo passou, noite nem dia,  
Sem que este mal não fosse mais agudo  
E esta mesma ilusão com que me iludo  
Não me illudisse mais que me iludia.*

Neste poema a contradição aqui parece estar entre o a noite e o dia, mas na verdade noite e dia se completam em momentos eternos para o eu lírico, que vive com o sentimento que não consegue acabar.

Na verdade, a contradição se encontra no momento que ele acredita que a ilusão que vive poderia ser diferente da que já o iludia a mais tempo onde as duas não são contrárias são a mesma ilusão amorosa de antes.

Na terceira estrofe do poema é o momento do eu lírico explicar essa contração: O eu lírico explica que isso já vem acontecendo sempre com ele, e que ele vem identificando esse sentimento através dos desenganos e tristezas da vida, porque o coração deixou rastros.

Ou seja, mostra que ele já vem sofrendo com essa melancolia que o deixa confuso, contraditório, e meio perdido, por conta de amores não correspondidos, ou amores que ele pensou em ter e nunca conseguiu. Perda do objeto amado ou não correspondido.

2. *Foi sempre assim. Tenho contado os anos  
Pela série dos grandes desenganos  
Por que meu coração tem vindo a rastros.*

O termo 'melancolia' representa, desde Freud, um quadro de perda. No entanto, a perda melancólica é, em sua aparência, uma perda incomum. O melancólico é alguém que permanece ligado a um objeto de amor de maneira patológica, mesmo após a morte ou perda definitiva desse objeto. Freud salienta que, na melancolia, o paciente é capaz de perder o objeto, mas jamais abre mão do laço que o liga ao amado. [...] A perda do objeto amado significa, para o melancólico, uma perda em seu próprio *eu*. O *eu* é quem sofre um empobrecimento e uma perda definitiva na melancolia. Há um laço inapagável muito fundamental entre a própria imagem narcísica do paciente melancólico — esvaziada, empobrecida e fragmentada no momento da perda do objeto — e aquele a quem o doente amava.  
(LACAN 1975, apud CASTELO, 2014)

Na última estrofe o eu lírico coloca o sentimento com uma prosopopeia, ele conversa com a contradição deste sentimento de amor.

3. *Entretanto lá estas - lá na outra extrema,*

*Visão da Morte, synthese suprema,  
Rindo, a offerar-me uma lauréola de astros!*

Esta última estrofe é o reflexo entre a contradição da morte e da vida, pois o eu lírico está falando em todo poema de um amor não correspondido, de um sentimento de agonia e tristeza.

Quando ele finaliza ele abrange essa dor entre o contraste do amor, pois quem ama quer viver mais do que tudo, que lutar, que sentir, deseja intensidade, porém a outra extrema parte do amor é a desilusão que leva a vontade de morrer e querer esquecer do mundo. Para o eu lírico a morte sorri enquanto convida-o para segui-la como uma finalização dessa dor.

A comparação que o autor fez ao escrever o final do poema em “a offerar-me uma lauréola de astros” é muito bonita se pensamos no que remete essa imagem.

O astro mais conhecido com auréolas ao seu redor que é visível a olho nu da terra é o sexto planeta, Saturno, que se encontra entre Urano e Júpiter. Uma das belezas inexplicáveis da natureza, tendo a auréola formada de água e gelo, metaforicamente é uma oferta de brilho.

A tristeza oferta-lhe uma morte que finaliza a dor e o transforma em uma linda lembrança.

A presença de palavras obscuras como noite e morte, treva e agonia são palavras chaves que indicam essa melancolia. Assim como os outros poemas é uma amostra da melancolia que ele se encontra, só que neste caso devido um amor não correspondido.

E no registro do real, os melancólicos-estrelas são como os astros que retornam sempre ao mesmo lugar, denotando sua posição correlativa ao objeto real da pulsão à sombra do mundo dos mortais. (QUINET, 2002, p. 85)

## Poema 5

*SOLITUDES DA NATUREZA**O tempo*

*Desfazes quanto fiz e quanto faço  
 Tempo cruel que tanto nos ilude!  
 Passas, e lá vai nossa juventude  
 Para a velhice exhausta de cansaço...*

*O momento, o minuto mais escasso  
 Não o perde nunca o teu destino rude:  
 A Glória cae, apaga-se a Virtude,  
 A rapidez encurta mais o Espaço...*

*O gênio, o Heroe, a Natureza inteira,  
 Succumbe á tua trágica, obscura,  
 Volupia de acabar o mundo em poeira.*

*Uma cousa somente há que se ufana  
 E ri de ti, Mazzepa<sup>1</sup> da Loucura:  
 - A minha dor, a nossa dor humana...*

**Pereira da Silva, (1918).**

---

<sup>1</sup> Mazepa, é uma ópera em três atos (seis cenas) de Pyotr Ilyich Tchaikovsky. O libreto foi escrito por Victor Burenin e é baseado no poema de Pushkin, Poltava. Mazepa é um conto de sede de sangue de amor louco, seqüestro, perseguição política, execução e assassinato vingativo. A ação ocorre na Ucrânia no início do século 18. Os protagonistas são as figuras históricas Ivan Stepanovych Mazepa (c. 1640-1709), Hetman dos Cossacks ucranianos, e Vasyl Leontiyovych Kochubey (c.1640-1708), um nobre e estadista ucraniano muito próspero.

O último poema a ser analisado é o tempo que está na parte do livro solitudes da natureza. Existe algo mais natural que o tempo em nossas vidas?

Para muitos o tempo é seu aliado, para outros, seu inimigo, pensando bem o tempo cronologicamente é igual para todos, mas psicologicamente é relativo para ambos dependendo da situação.

Foi uma jogada de mestre utilizar o tempo tanto como título quanto coadjuvante para explicar o começo, meio e fim do passado, presente e futuro dos acontecimentos na vida de alguém.

Na primeira estrofe do poema o eu lírico mostra o que o tempo é capaz de causar:

*1.Desfazes quanto fiz e quanto faço  
Tempo cruel que tanto nos ilude!  
Passas, e la vai nossa juventude  
Para a velhice exhausta de cansaço...*

Para o eu lírico o tempo não é seu aliado, pois foi através do tempo que o mesmo foi iludido cruelmente perdendo sua juventude e deixando apenas o cansaço e a velhice. Durante o passar do tempo ele não vê nada que ele construiu apenas consequências do tempo, tristes e sem utilidade apresentando aqui mais uma vez características do melancólico.

Na segunda estrofe o eu lírico da continuidade a essa reflexão que está fazendo de sua vida.

*O momento, o minuto mais escasso  
Não o perde nunca o teu destino rude:  
A Glória cae, apaga-se a Virtude,  
A rapidez encurta mais o Espaço...*

O minuto pode ser eterno se tornar-se uma lembrança de uma glória esquecida num espaço curto, o que representa a melancolia pela perda do objeto amado não conquistado ou esquecido.

A terceira estrofe já é diferente pois o eu lírico mostra agora que o tempo pode ser ultrapassado pela natureza de renovação universal.



*3.O gênio, o Heroe, a Natureza inteira,  
Succumbe á tua trágica, obscura,  
Volupia de acabar o mundo em poeira.*

A natureza é formada de reconstrução diária, imaginemos uma floresta que está e constante reconstrução, isso com certeza acaba com a tristeza da perda já que pode ser renovada, logo o poder de destruição do tempo, perde seu valor, pois ao ser destruído é reconstruído. Natureza por Natureza.

Tirando assim o prazer de destruição do tempo, dando-lhe voz e sentido prosopopeia presente.

Na última e encantadora estrofe do poema o eu lírico conversa com o tempo:

*4.Uma cousa somente há que se ufana  
E ri de ti, Mazzepa da Loucura:  
- A minha dor, a nossa dor humana...*

O tempo pode construir ou destruir e no caso do eu lírico, motivo de tristeza e desilusão, sendo assim a única coisa a fazer é rir da própria dor, se orgulhar do que passou e vê o tempo como uma mistura de amor que enaltece a vida, perseguição porque nunca te deixa, loucura já que te desnorteia, sequestro porque rouba suas ilusões e glórias, política porque em certo momento parece negociar com você, um complemento essencial da natureza, que enaltece a dor humana natural da vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Trabalho presente deteve-se a demonstrar a melancolia nos poemas do escritor, advogado, jornalista e poeta Antônio Joaquim Pereira da Silva.

Reavivar o reconhecimento do Primeiro paraibano a entrar na Academia Brasileira de Letras levando em consideração a relevância de sua importância para o estado da Paraíba e para marco histórico da mesma, sendo imensuravelmente importante para nossa literatura.

Pereira da Silva era um autor melancólico, como sabemos disso? simples por que através de suas poesias ele a transpareceu de tal forma que foi chamado de poeta da dor, dor que viveu ao ter que lutar contra perda do seu pai, contra a seca, contra a amargura, contra o preconceito sendo negro, contra a fome, contra o medo, o desespero, a traição e, depois de tanto sofrimento que passou em sua vida terminou por se tornar melancólico, inconscientemente desenvolveu uma saudade pela pátria, perda do objeto amado, sua casa e sua vida idealizada que não se concretizou.

Pereira da Silva passou por tanto sofrimento quanto vários brasileiros pobres que vivem aqui e infelizmente talvez nunca cheguem a ter nada e nem serão lembrados, nem vistos pela sociedade, mas Pereira da Silva não foi apenas um homem que sofreu ele foi um dos homens que com muita fé e batalhão conseguiu dar a volta por cima em sua vida, um dos grandes nomes da literatura que conseguiu transformar a dor em arte e sua vida em história. Para o mesmo o momento que foi verdadeiramente feliz em sua vida foi quando pela ocasião de ser consagrado com a cadeira na Academia Paraibana de Letras recebeu a homenagem do r. Castro Pinto no Anuário da Paraíba e o fardão acadêmico como contribuição de seu merecimento. Essa felicidade foi visível diante da resposta de Pereira da Silva

Os livros de pereira da silva apresentam poemas melancólicos que com toda certeza representam as fases de sua vida porem o livro Solitudes é o mais completo já que ele divide em partes específicas que retratam abstrações que completam o sentido à vida.

Embasando-se nas concepções da melancolia dos teóricos foi possível identificar a presença da mesma nos poemas escolhidos análise: “Sombras”, “A idade do ouro”, “A margem do caminho”, “Contradição” e “O tempo”, porque respectivamente retratam cada parte do livro *Solitudes*, já que o mesmo é dividido em cinco partes diferentes: Solitudes do Espírito dotado de 27 poemas, Solitudes da Vida dotado de 30 poemas, A margem do Caminho dotado de 22 poemas, Solitudes do Coração dotado de 29 poemas, e por fim Solitudes da Natureza dotado de 20 poemas.

O poema “Sombras” retrata claramente o que pra psicanálise é considerado a sobra da dor que recai sobre o indivíduo, atordoando-o dia após dia. Também elenca características de cunho religioso.

O poema “Idade de Ouro” é uma representação da saudade que o autor traz consigo da cidade natal de onde teve que sair por motivos de dor tão profundas, mas que nunca deixaram esquecidas as lembranças de uma infância repleta de belas imagens de sua terra.

O poema “A margem do caminho” descreve um afastamento do mundo real e uma reflexão profunda da passagem espiritual neste mundo, a dor abarcada pelo sincronismo de terminar em algum momento tudo que você construiu ou possuiu na vida. Também apresenta um conceito religioso de começo, meio e fim observados por um instante de afastamento do cotidiano, um caminho a parte do tradicional onde entende-se o motivo existencial do ser humano.

O poema “Contradição” como o próprio título já diz apresenta características opostas de abstrações corriqueiras que retratam a melancolia através do amor não correspondido.

O poema “O tempo” fecha as observações da vida nos outros poemas elencando o tempo como um percussor entre a oportunidade do fazer e aproveitar momento, da dor que maltrata ano, após ano deixando para trás a juventude viril e decaindo a uma velhice sem muitas graças. O tempo que rouba a alegria e mostra a dor humana presente na vida.

Estes poemas abarcam a dor que o autor sofre em sua vida, e na arte transcreve com destreza deixando para posteridade uma rica beleza instaurada por sua cruel realidade vivida por muito tempo.

Como vimos, a leitura interpretativa dos poemas foi de extrema importância possibilitando identificar o patrimônio esplendido da arte da poesia de Pereira da Silva através da estratégia de expressão e uma linguagem ao mesmo tempo que um pouco rebuscada, mas transmissível a todos os leitores que se deleitam com tal gênero textual.

## REFERÊNCIAS

- ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS. *Pereira da Silva: Cadeira 34*. Paraíba. A UNIÃO, 1964.
- BARBOSA. Hildeberto Filho. *Convivências Críticas*. Paraíba, 2014.
- CARLOS. Luis. *Encruzilhada*. Rio de Janeiro. Livraria Castilho, 1922.
- DUTRA. Osório. *Pereira da Silva e a poesia da Dor*. Revista da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, v. 51, 1936.
- FREUD, S. (1917) *Luto e Melancolia*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- FREUD, S. (1917) *Luto e Melancolia*. Tradução, introdução e notas / Marilene Carone TEXTOS / Maria Rita Kehl, Modesto Carone e Urania Tourinho Peres. São Paulo: COSACNAIFY, 2011.
- LUCENA. Humberto Fonseca de. *Documento*. Paraíba. UFPB, 1993.
- MENDES, Elzilaine Domingues. VIANA. Terezinha de Camargo. *Melancolia e Depressão: Um estudo psicanalítico*. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Brasília, Out-Dez 2014, Vol. 30 n. 4, p. 423-431.
- PEREIRA DA SILVA. A. J. *Solitudes*. Rio de Janeiro: Labor Ominia Vincit, 1918.
- PINTO. Castro. *Anuário da Parahyba: As Homenagens da Colônia Parahybana, no Rio, ao novo Immortal*. Paraíba. 1935.
- QUINET, Antônio. *Extravios do Desejo: Depressão e Melancolia*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.
- VIANA, Chico. *O Evangelho da Podridão: Culpa e melancolia em Augusto dos Anjos*. Paraíba: UFPB, 1994.

## Websites Pesquisados

ABD, Humberto. *Tudo que você precisa saber sobre Saturno*. Disponível em <<http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Espaco/noticia/2017/02/tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-saturno.html>>. Acesso em 07 de Set. 2017.

Casa da Memória Severino Cabral de Lucena. *Dados Bibliográficos de Antônio Joaquim Pereira da Silva*. Disponível em: <<http://www.casadamemoriaararuna.com/pereiradasilva.htm>> Acesso em 07 de Set. 2017.

Devocional Diário. *Lendo, entendendo, acreditando e praticando*. Disponível em: <[http://www.devocionaldiario.com.br/ver\\_versiculos.php?id=4](http://www.devocionaldiario.com.br/ver_versiculos.php?id=4)>. Acesso em 07 de Set. 2017.

Portal São Francisco. *Cérebro*. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/corpo-humano/cerebro>> Acesso em 07 de Set. 2017.

Wikipédia. Mazepa (Ópera). Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Mazeppa\\_\(opera\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Mazeppa_(opera))>. Acesso em 07 de Set, 2017.

**ANEXO – I**

**Centro cultural de Araruna**



**ANEXO – II**

**Biblioteca do Centro Cultural em homenagem a Pereira da Silva**



**ANEXO – III**

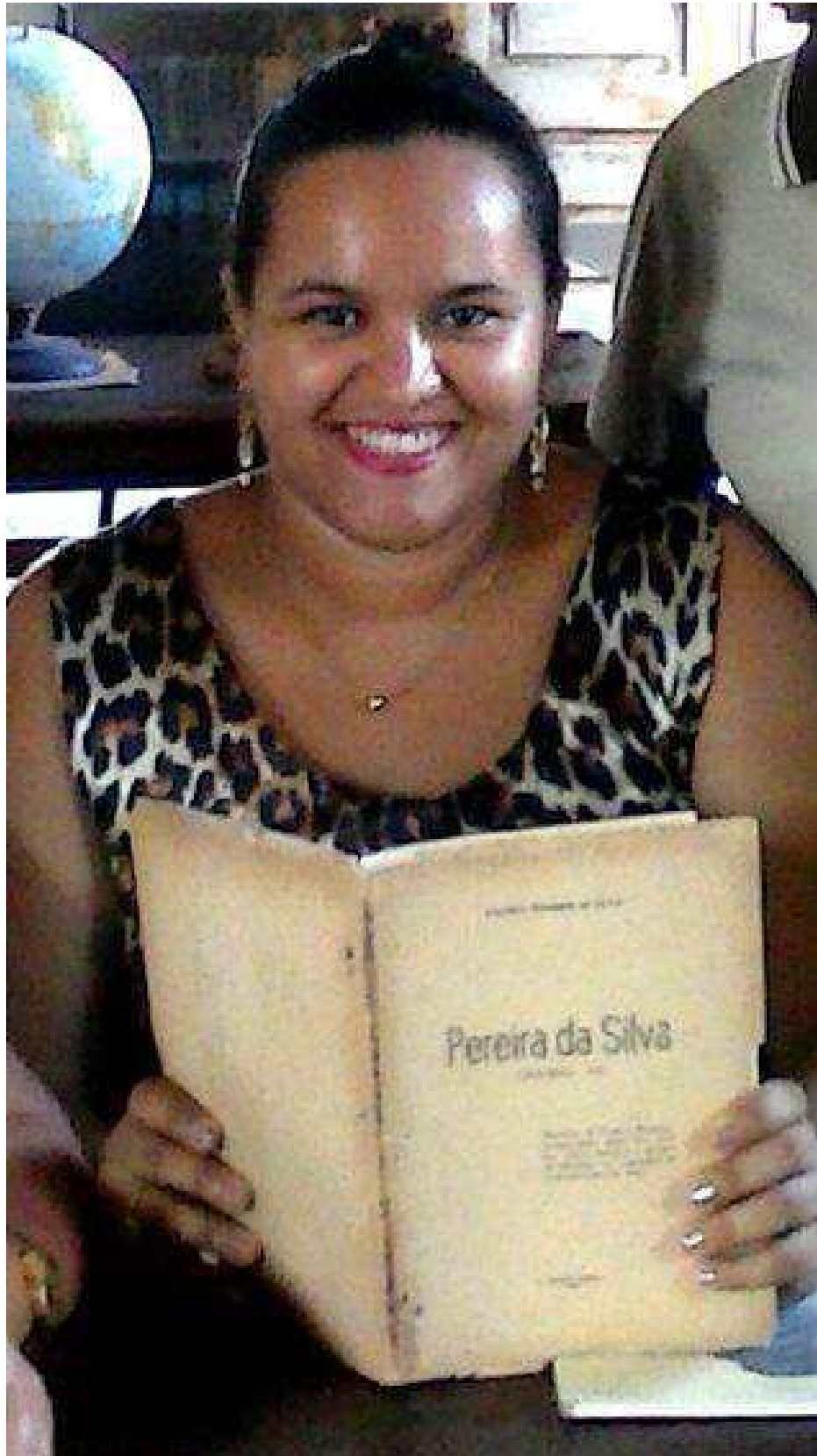
**Sala Histórica do Centro Cultura de Araruna**





**ANEXO - IV**

**Pesquisando na Biblioteca do centro cultural de Araruna sobre Pereira da Silva**



**ANEXO - V**

**Capela onde foi batizado o poeta Pereira da Silva na cidade de Araruna**



**ANEXO - VI**

**Hotel Pousada de Araruna estabelecimento local que através de fotos conta um pouco da história de Pereira da Silva**



**ANEXO - VII**

**Parede do Hotel Pousada de Araruna que conta História do Autor**

**ANEXO - VIII**

**Continuação da história no Hotel Pousada de Araruna**



**ANEXO – IX****Descoberta da avenida em homenagem ao autor Pereira da Silva****ANEXO – X****Avenida Pereira da Silva**